



“Fraternidade – Para resistir à crueldade do mundo”, de Edgar Morin

“Fraternity – To resist the cruelty of the world” by Edgar Morin

“Fraternidad – Para resistir la crueldad del mundo”, por Edgan Morin

Rodolfo Medeiros Schian - Universidade de Sorocaba | Sorocaba | São Paulo | Brasil |
rodolfo.schian@prof.uniso.br |

 <https://orcid.org/0000-0001-9510-7721>.

O livro “Fraternidade – Para resistir à crueldade do mundo”, de Edgar Morin, foi publicado em São Paulo, em dezembro de 2019, pela Editora Palas Athena. Seu original, “La Fraternité, pourquoi?” em francês, publicado no mesmo ano da edição brasileira, foi traduzido por um dos maiores antropólogos do Brasil, Edgard de Assis Carvalho.

A tradução do título desta obra prima, realizada magistralmente por Edgard de Assis Carvalho, por si já é a melhor síntese do significado de sua leitura, “para resistir à crueldade do mundo”, uma liberdade poética que somente poderia ser, dada a grandeza do tradutor.

Não se trata de um livro extenso na vasta bibliografia de Edgar Morin e no seu desenvolvimento teórico da complexidade, não desenvolve nenhum conceito inovador, ao contrário, escancara velhos conhecidos, o conceito de fraternidade, de humanidade e do *Sapiens demens*. Entretanto não podemos o definir como um livro de bolso de leitura rápida, mas é um ensaio, no melhor estilo francês, transformando cada oração em inúmeras páginas na nossa leitura crítica, demonstrando as contradições e espaços de esperança no interior da sociedade. Sua densidade se encontra no sentimento inserido em cada palavra escrita por um dos maiores intelectuais de nosso tempo, que nos seus 98 anos ainda consegue ter esperança na humanidade. Esta obra é o manifesto da fraternidade, o manifesto da vida, um grito de esperança diante do caos para trilharmos o caminho de uma sociedade justa e perfeita, de amor e fraternidade. É o grito da esperança de quem percebe a beleza do viver.



Seu questionamento sobre o que a possibilidade de uma nova sociedade com indivíduos emancipados e sem a desigualdade social, no pleno desenvolvimento das possibilidades humanas e técnicas parte do fortalecimento da fraternidade, que estava nos ideais da Revolução Francesa, mas que é algo intrínseco à essência de cada indivíduo. Logo, a fraternidade não pode ser uma imposição social, seja na forma de leis ou instituições, mas algo que se desenvolve nas relações sociais e na relação com a natureza em si.

O primeiro capítulo intitulado “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, nos leva a perceber que o livro trata de uma libertação dos poderes dominantes, nos remetendo aos princípios da Revolução Francesa. Morin demonstra que os três termos liberdade, igualdade e fraternidade são complementares, mas não são unificados como acreditamos. Precisam de um esforço, de uma ação humana prática e reflexiva para que se integrem, interajam entre si. Salienta que a liberdade, sobretudo a econômica, pode ser uma barreira para a igualdade, pode gerar desigualdades, da mesma forma que seu oposto é verdadeiro, quando a igualdade pode ser uma barreira à própria liberdade. A garantia destas duas pode ocorrer através de leis, mas nenhuma delas pode garantir a fraternidade, visto que a fraternidade não é uma instância estatal e sim a essência de cada indivíduo. Para compreender esta problemática interior do indivíduo, o autor nos apresenta dois aspectos da essência humana: o ser egocêntrico (reflexivo-eu) , importante para a sobrevivência do próprio ser; o sujeito natural que reconhece a importância das relações afetivas: que sem o “outro” o “eu” não é possível.

No segundo capítulo, “Fraternidade fechada e aberta” são apresentados estes dois conceitos. O primeiro constitui-se pela fraternidade limitada no “nós”, próxima do conceito de nacionalismo, com características de supremacia e opressão ao “outro”, ao diferente. Já a fraternidade aberta está próxima do conceito de patriotismo, que reconhece em um espírito



humanitário o “outro”, o diferente, o estrangeiro, uma fraternidade de inclusão, sem discriminação e opressão.

No terceiro capítulo, “Fontes biológicas da fraternidade: a ajuda mútua”, o autor aborda Darwin, na obra “A origem das espécies por meio da seleção natural” (1859-1860), erroneamente interpretado pela pseudociência do darwinismo social. Morin aponta obras que poderiam corrigir este equívoco, como a do pensador libertário Piotr Kropotkin (1842-1921), “Ajuda mútua: um fator da evolução” (1902); o desenvolvimento da ciência ecológica em 1935 com Arthur Tansley (1871-1955), além do seu próprio livro, “O Método 2, a vida da vida”. A sugestão de Morin é a integração da ajuda mútua de Kropotkin com a seleção das espécies de Darwin, para responder a problemática entre a cooperação e conflito, de responder a complexa relação, presente em todas as sociedades, de todas as espécies, que é a relação “complementar e antagônica (dialógica) entre solidariedade e conflituosidade”.

Com a filosofia de Heráclito (540-470 aC) abre-se o quarto capítulo, “Concórdia e discórdia: pai e mãe de todas as coisas”. Nele, o autor se vale da ideia do próprio universo: sua formação, desenvolvimento, dispersão e morte, exemplificando com a relação entre Eros (unificação/vida) – Pólemo (oposição/conflito) – Tânatos (destruição/morte).

Na leitura do quinto capítulo, podemos perceber a importância da origem e do gênero feminino para pensarmos o conceito de fraternidade. O autor debate a fonte das três noções: paternidade, maternidade e fraternidade, argumentando que, diferente do que a sociedade patriarcal demonstra, o conceito de pai é tardio na história da humanidade. Sobre o conceito de mãe, embora seja o mais antigo e importante para os mamíferos, não é um conceito universal para toda a natureza, e muito menos a relação íntima entre o macho (pai) e a fêmea (mãe). Com isso, a própria ideia de fraternidade (ou sororidade) não está intrínseca nesta relação, e sim na relação de irmandade. Esta, por sua vez, acaba retomando o conceito de maternidade, de origem, de nascimento e dependência e o



conceito de sobrevivência, no mutualismo e cooperação, que é presente em todas as formas de vida.

O sexto capítulo, “Fraternidade humana”, apresenta as esferas da fraternidade no interior de uma família, origem, para as fraternidades externas que encontramos nas relações sociais no decorrer da vida. Estas últimas são retomadas no sétimo capítulo “Minhas fraternidades” e exemplificadas com as experiências de vida de Morin. Além de ser um capítulo esclarecedor, é um relato breve e inspirador das vivências do autor.

No oitavo capítulo, “Individualismo e Solidariedade”, são expostos os aspectos positivos e negativos do individualismo. Demonstra o autor que a fragmentação da vida social nos leva à degradação das solidariedades em todas as esferas sociais. Outro aspecto importante nesta passagem é a sua crítica à “sociedade da comunicação”, que com todo seu desenvolvimento – basta ver seus processos técnicos, que diminuem fronteiras entre as pessoas, povos, culturas e nações – ainda não foi capaz de nos dar uma resposta a nossa falta de compreensão do “outro”. Tal crítica tem a sua continuação no nono capítulo, “Paradoxos da mundialização”, o qual apresenta os problemas da globalização que somente foram possíveis através desta sociedade da comunicação. Que nesta mundialização (globalização) não temos o sentido de fraternidade planetária, mas tão somente a destruição das tentativas de fraternidades locais.

A solução para estes problemas da sociedade moderna, da globalização, contra a redução da vida humana a dimensão “tecnoeconômica” é apresentada no décimo capítulo, “Oásis de Fraternidade”. O oásis pensado corresponde a brechas para escapar destes poderes políticos imperativos e colonizadores, em busca da autonomia individual e comunitária contra o padrão de vida que nos é imposto, contra a sociedade de consumo. São rupturas que vão ao encontro do estilo de vida do “faça você mesmo”, em um processo solidário e espaços associativos, que através das redes se formam as comunidades de apoio. É o próprio compartilhamento do trabalho, de suas ferramentas e



conhecimento, como rompimento do capitalismo vertical e da obsolescência programada. É o fortalecimento das economias locais, da agricultura orgânica, da vida sustentável e saudável. O oásis que o autor está vislumbrando é ligado à economia solidária, ambientalmente correto, sendo espaços de solidariedade e fraternidade. São espaços que ainda não são possíveis diante da globalização, mas, que tornam possível vislumbrar um mundo melhor, fraterno, como o autor denomina, do “eu” no “nós”.

Por fim, uma mudança drástica na sociedade atual é esboçada no décimo primeiro capítulo, “Mudar de via?”, para que a fraternidade seja a resposta contra os nossos problemas sociais e ambientais, resposta ao *Sapiens demens*, ao super *Sapiens demens* (ligados à tecnologia, ao transumanismo que desponta na inteligência artificial). Uma mudança de vida para priorizar as verdadeiras necessidades humanas, sejam elas materiais ou imateriais.

Um livro que não poderia fechar com o melhor título, “Fraternidade na incerteza”, um convite para todos refletirem, construírem, regenerarem as fraternidades do mundo e seus oásis. Morin diz que todo humanista deve se alinhar à fraternidade para que ocorra a comunhão na humanidade plena, e isto é participar da vida, que ele denomina como grande aventura. Sempre com o olhar crítico e reflexivo, para que não se confunda a vida/amor (Eros) com a morte/destruição, a exemplo da armadilha que muitos caíram ao defender as “tirantias totalitárias” (Tânatos) que se travestiram de socialismo emancipador. Lembrando que a fraternidade não é definitiva, ela sempre precisa se regenerar; é frágil como a consciência e o amor, mas sua potencialidade é extraordinária; é a resistência e o caminho transformador da sociedade, contra a barbárie em um futuro melhor.

Trata-se de uma obra obrigatória não só para quem deseja pesquisar a teoria da complexidade de Morin, mas também para quem deseja construir um mundo melhor, fraterno.



Referências

MORIN, Edgar. **Fraternidade**: para resistir à crueldade do mundo. São Paulo: Palas Athena.

Sobre o autor

Edgar Morin (1921) é um antropólogo, sociólogo e filósofo francês, reconhecido como fundador e pensador do Pensamento Complexo, sendo um dos pensadores mais importantes do século XX e que atravessou o século XXI. É autor de uma vasta obra entre livros e ensaios, destaque para: "O Homem e a Morte" (1951); "As estrelas de cinema" (1957); "Cultura de Massa no século XX – O espírito do tempo" (1962); O Método – 6 volumes (1977-2004).